EXAMES NO LYCEU

Vae tomando vulto, pelas suas escandalosas consequencias, a questão dos exames, no lyceu nacional de Lisboa. A imprensa, na sua elevada missão de combater os abusos, vae apresentando ao publico todos os dias os factos mais graves. N'um paiz aonde a instrucção secundaria não tem systêma, aonde as disciplinas são estabelecidas ao acaso e materialmente ensinadas, aonde os bons methodos de ensino passam por utopias, aonde a irregularidade é a norma, aonde os compendios são quasi sempre optimas collecções de bernardices, custa a crer, que se decrete entre o conselho do lyceu que os exames sejam difficeis, e que a prova final seja rigorosa, a ponto de ficarem reprovados, de 12 alumnos que entram por dia, nada menos do que 10!

*

As aulas, durante o anno, quasi que não passam de uma mystificação. Chegada, porém, a epocha terrivel dos exames, o professor franze o sobrolho, vê-se com a faca e o queijo na mão, e dá-lhe na cabeça elevar a instrucção *á sua verdadeira altura*. Para isso faz uma cara como a da estatua do commendador, dá-se a importancia de um Jupiter tonante, e começa a reprovar. As pobres crianças, face a face com o hottentote perdem a serenidade, e ouvindo uma pergunta imbecil, suppõem que aquillo é uma cousa do outro mundo e calam-se. Então o professor meneia a cabeça, como quem diz: vêem? e reprova-as.

Não seria possivel bater-lhes?

*

Honrosas excepções a esta regra existem no lyceu de Lisboa. A alguns dignos professores se deve o andamento regular n'algumas mezas de exame, proporcional ao ensino, e em harmonia com o curso durante o anno. Isso, comtudo, não impede que estejamos assistindo a uma scena de barbaridade, a uma scena de selvageria — em terceiro anno de portuguez.

*

A *Discussão* apontou um pequeno episodio, bastante significativo, para que todas as pessoas que o lerem, se convençam de que a imprensa não accusa sem fundamento.

Já que não temos providencias officiaes ao escandaloso procedimento de varios srs. professores, temos um meio que não deixará de produzir bom resultado. É dar publicidade, todos os dias, em todos os jornaes, aos factos escandalosos do lyceu. Os srs. cannibaes das mezas de portuguez, vendo as suas perguntas phantasiosas com edições diarias de 50:000 exemplares, haviam de ter mais algum cuidado, caso a sua dignidade ainda lhes valesse alguma attenção — o que é duvidoso — á face do que se tem visto.

Trataremos largamente d'este assumpto, não só em prosa, mas tembem em caricatura e por todos os meios ao nosso alcance. O sr. padre Amado terá, em breve, um logar de honra, na nossa terceira pagina, e a competente biographia na primeira.

CARICATURAS EM PROSA

N'uma das ultimas noites o passeio publico estava quasi deserto, apesar da elevação da temperatura. Havia

tambem trinta pessoas, e entre ellas duas Venus, girando para um lado e para outro vertiginosamente.

As outras pessoas eram todas sérias e graves, e estavam sentadas para ali ao acaso, ouvindo a musica.

De repente uma das borboletas teve uma ideia insolente, e disse em voz alta:

— O passeio está hoje muito bom. A gente está aqui em familia!...

Entre um regenerador e um reformista:

— A parada esteve magnifica, havemos de confessar. As tropas apresentaram-se muitissimo bem. Foi uma festa imponente.

— Sabe o que me faz lembrar? Aquelle celebre parlapatão hespanhol que estava sempre a dizer: Quando yo sali de Toledo con doce mil e a caballo... Um dia um individuo perguntou-lhe: — Usted salio de Toledo com doce mil e a caballo, para que?

— Para que? repetiu elle formalisando-se. — Para que?... Para nada!...

N'um romance que o sr. Sousa Araujo está publicando, n'um jornal de Coimbra, encontram-se as coisas mais audazes.

Dois individuos liam ha dias um dos folhetins, e comentavam os seguintes trechos:

«O tempo corria veloz. Soava mysteriosamente a meia noite. Magdalena, com os olhos humidos, o seio em movimentos agitados, os labios tremulos, arrastada por um delirio de immensa voluptuosidade...» etc., etc.

E logo abaixo:

«Momentos depois, ella, erguida na sua nudez fascinante, soltos os seus esplendidos cabellos,» etc., etc.

— O que virá depois d'isto, Santo Deus, exclamou um dos leitores?

— A numerosa prole, respondeu o outro.

Annotações:

«O povo da capital, diz o *Diario de Noticias*, mostrou-se mais uma vez digno da liberdade que desfructa.»

Podia accrescentar, referindo-se ao governo que nos rege:

Tornando-se disfructado e disfructavel.

Mais abaixo algumas deliciosas *prosopopeias:*

«e o seraphim da caridade e do amor veio estender as suas azas brancas e serenas por sobre toda essa festa civica e gratulatoria, deixando cair das dobras do seu manto, no regaço dos pobresinhos, algumas flores dos jardins celestes (kilos de arroz) alguns sorrisos meigos de conforto e alegria (tostões).»

Quando toda a nossa imponencia guerreira desfilava por diante da tribuna real, alguem notou um suavissimo sorriso, nos labios do sr. conde de Brandebourg, ministro da Prussia em Lisboa. Aquillo nada tinha de offensivo para o nosso brio patriotico. Comtudo algumas pessoas, notando o sorriso, perguntavam:

— O que quererá o conde de Brandebourg dizer na sua?

— Elle não quer dizer nada. Está lendo uma fabula *A gralha enfeitada com as pennas do pavão.*

Referiram alguns jornaes que o sr. prior dos Anjos, partira para a Nazareth, afim de não assistir ás festas do dia 24 de julho.

E é este o guia espiritual d'algumas centenas de almas!

S. ex.ª parece pôr de parte as suas idéas politicas quando trata de receber os proventos da sua collocação. Quando, porém, aquelles que lhe pagam fazem uma festa, sua reverendissima, dá-lhes uma prova de desconsideração não assistindo a ella...

Isto, comprehende-se, lembrando-nos de que o sr. prior, não recebendo cinco réis dos seus partidarios mendiga torpemente os honorarios d'um governo constitucional, que lhe é antipathico. Como, porém, esse governo não lhe dá uma gratificação para que assista ás festas liberaes, sua reverendissima volta-se para os seus. Em igualdade de circunstancias, prefere-os. Mas logo que n'um dos pratos da balança estejam collocados alguns vintens, sua reverendissima não vacilla em decidir-se.

Ah! se nós quizessemos que o sr. prior dos Anjos assistisse ás festas de 24 de julho, tinhamos um meio bem facil. Era pagar-lhe esse pequeno sacrificio das suas convicções. Nós, porém, estamos promptos a pagar tudo o que sua reverendissima exigir só para termos o gosto — de o ver pelas costas.

Pediriamos mesmo um sacrificio maior á nossa bolsa, se nos fosse permittido imprimir-lhe alguma velocidade.

ECCOS

Sabbado passado, anniversario da entrada das tropas liberaes em Lisboa, um mercador da rua Augusta, abriu a porta do seu estabelecimento. O digno proprietario estava no seu direito, assim como estamos no nosso, dizendo que s. ex.ª foi um dos membros da commissão da *corrida de burros*, em S. Sebastião da Pedreira, o anno passado.

Isto serve apenas para que ninguem estranhe o facto de s. ex.ª abrir a sua loja n'um dia de festa nacional. Ha um aphorismo popular que justifica perfeitamente aquelle acto. É o seguinte:

— Diz-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens.

***

A *Nação* traz na *chronica religiosa* o seguinte:

«S. Sanct'Anna, Mãe da Mãe de Deus.»

Era mais simples dizer:

— S. Sanct'Anna, avó de Deus.

FOLHETIM

ROCAMBOLE EM LISBOA

Romance posthumo de Ponson du Terrail

I

AHI VAE O HOMEM!

(Continuado do n.º 29)

Por isso quando desceu do seu compartimento com a magestade de um Deus, e foi seguindo, os agentes de policia não o perderam de vista. Tinha em redor de si, mais ou menos disfarçados, trinta sicarios. Elle parecia não dar por isso.

Quando chegou á sala do despacho, um individuo todo vestido de preto, seguido de alguns agentes, dirigiu-se o elle cortezmente e fallou-lhe.

Nem uma linha se contraiu no rosto do individuo interpellado.

Algumas pessoas começavam a olhar.

Elle tirou do bolso uns papeis. O commissario não os quiz ver. Depois, cortezmente, disse-lhe:

— V. s.ª está preso. Tem a bondade de me acompanhar?

Tinha-se formado um circulo de curiosos em redor d'esses personagens; alguns perguntavam aos policias:

— O que foi?

— Quem é este sugeito vestido de preto?

Alguns viajantes mais perspicazes diziam:

— Acho que é o commissario de policia!

O mysterioso personagem lançou um olhar perscrutador em redor. Fez perceber ao chefe da policia, que necessitava tirar as bagagens, ao que o agente respondeu:

— Ellas lá lhe irão ter!...

Entretanto as attenções tinham convergido todas para ali. Formara-se um largo circulo em redor d'elles, e, por um momento a indifferença d'aquella gente, que só se importava com as suas bagagens, foi vencida pela curiosidade de saber quem era aquelle individuo.

Quem é elle? Quem é? perguntavam-se impacientemente. A policia nada respondia, e cada qual tratou de interpretar aquelle successo.

— É um general carlista.

— É o assassino do Prim.

— É um communista de Paris.

— É um moedeiro falso.

E as interpretações imaginosas começaram a circular na turba, chegando-se a dizer que era o proprio Troppman.

O viajante, comtudo, insistia em se demorar um pouco, protestando apresentar os seus papeis em ordem.

O commissario accedeu.

Passado um momento o viajante parecia ter mudado de idéa. Tinha lançado um olhar sobre a multidão que sahia, e o seu rosto tomara uma expressão de contentamento.

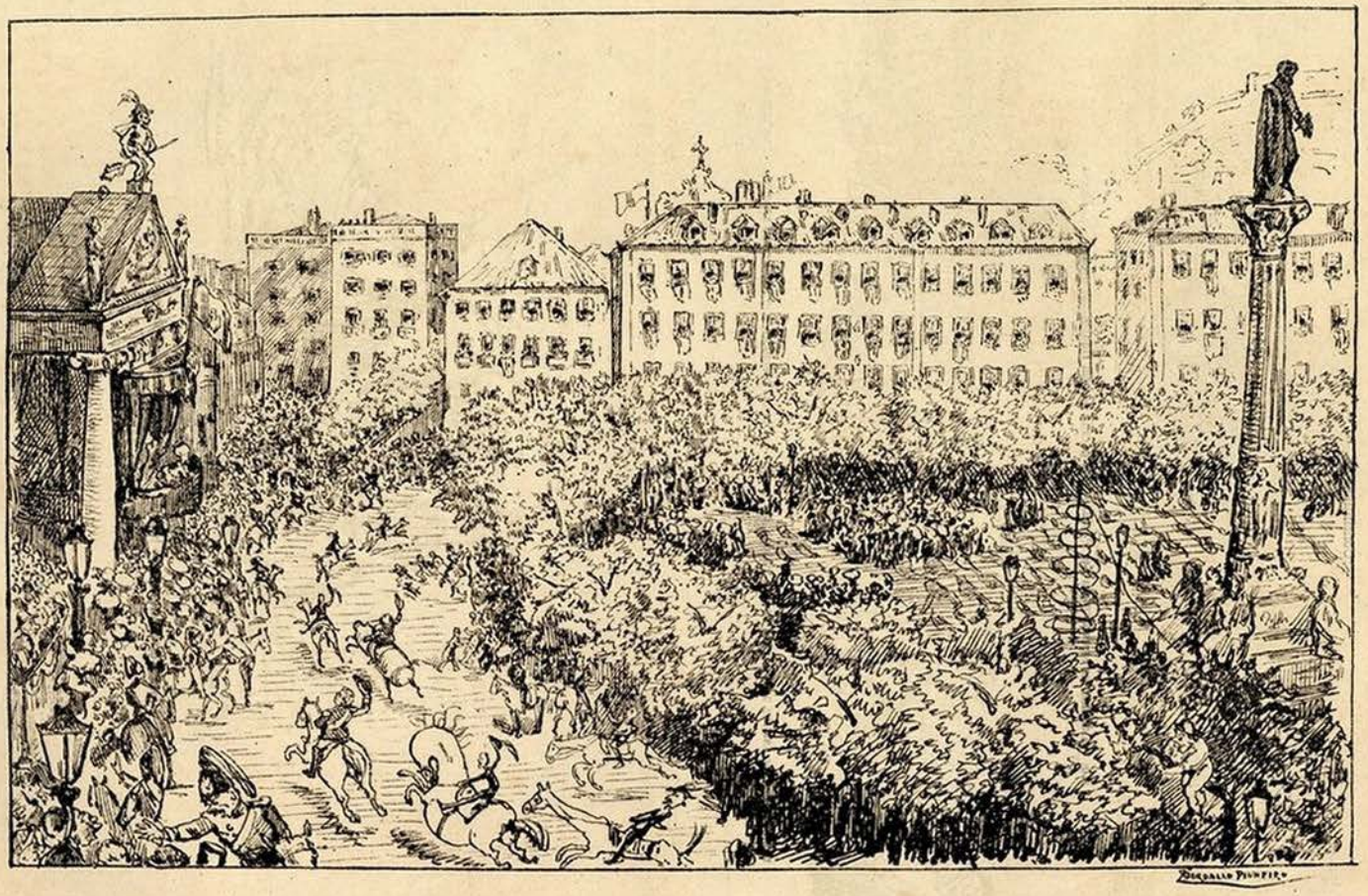
D'ahi a pouco, n'um carro com o commissario e um policia, dirigiam-se todos ao governo civil.

(Continua)

ACTUALIDADES, por **Bordallo Pinheiro**

A PARADA DE 24 DE JULHO

(Continuação)

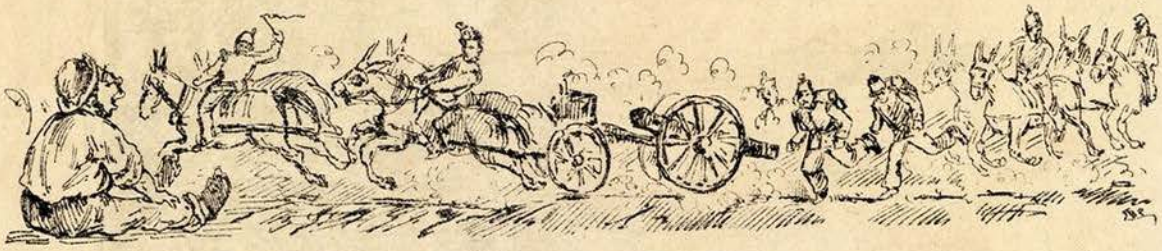


CONTINENCIA Á ESTATUA DO LIBERTADOR

ACTUALIDADES, por **Bordallo Pinheiro**

AINDA A PARADA

(Continuação)



Em vez de dar em espectaculo a Zé Povinho uma parada de cem riquissimas peças de artilheria

não seria melhor dar-lhe uma parada de cem riquissimas escolas primarias? embora elle não ficasse sempre .... na mesma

e tornar estas coitadas tão luzidias e bem tratadas como as riquissimas peças?